



Ao proletariado, juventude, mulheres e conjunto do povo trabalhador galego

PRIMEIRA LINHA :: 01/01/2017

Primera declaración de Primeira Linha al proletariado, juventud, mujeres y conjunto del Pueblo Trabajador Galego

O ano 2016 passará à história da luta de classes e de libertação nacional da nossa Pátria como o ano no que o Estado espanhol exhibe sem pudor a sua natureza de Estado burguês com vocação autoritária e fascista.

Com o intuito de evitar que o crescimento da deslegitimação entre amplos setores populares do regime emanado do franquismo transitara face um quadro de difícil gestão, a oligarquia optou por aprofundar na implementação de arriscadas medidas tendentes a impossibilitar a maturação de condições proclives à configuração de um bloco social de orientação ruturista.

A corrupção generalizada que como umha metástase fulgurante se estende entre o conjunto do sistema, forçou ao regime da segunda restauração borbónica a sacrificar alguns dos seus mais destacados membros para assim salvar a Casa Real como emblema e garantia da sua continuidade.

Na especificidade da profunda crise estrutural que arrasta o postfranquismo no quadro da crise global do capitalismo senil, devemos entendermos as operações mediáticas de detenção seletiva de destacados dirigentes do PP, mas também a aplicação de “soluções” finais que garantem a lei do silêncio.

Assim devemos interpretar a morte súbita de Rita Barberá, ícone da casta corruta e gansteril. Um claro aviso a quem corresponda que o bloco oligárquico não lhe treme a mão para garantir ao preço que for a sua continuidade.

O retrocesso nas liberdades, a conculcação dos direitos individuais e coletivos, a impunidade com a ditadura fascista, a permanente atualização de medidas de exceção e mudanças no Código Penal, a expulsão automática de refugiados e emigrantes, a situação das prisões, as torturas e maus tratos nas esquadras policiais, homologa a Espanha com a Turquia. Organizações internacionais burguesas como Amnistia Internacional assim o reflite no seus informes.

A repressão para acabar com o ciclo ascendente de lutas que caracterizou a mudança de década tem atingido boa parte dos objetivos que perseguia. Esta estratégia combinada com a promoção de um espaço institucional-eleitoral canalizador da indignação e o malestar popular logrou a desmovimentação popular, gerando um quadro de “pax social” que permite endurecer a exploração de classe e a assimilação nacional.

O ano 2016 passará à história da luta de classes e de libertação nacional da nossa Pátria

como um ano de transição, no que o desencanto e a frustração pela incapacidade de cumprir as promessas e expectativas começa a desinchar o balom da “nova política”.

O regime optou por seguir ensaiando medidas excepcionais visadas a perpetuar o modelo emanado da constituição do 78, a recuperar a fórmula da alternância política do monopartidarismo bicéfalo. Assim devemos entender o golpe de estado contra a direção do PSOE que provocou a demissão do seu secretário-geral e a intervenção direta do partido pelo Ibex 35 mediante uma gestora.

Assim devemos interpretar a decisão de frear o ascenso eleitoral de Podemos como substituto do PSOE, iniciando um processo de quebraimento interno, e o ensombrecimento do neofalangismo representado por C's.

Assim devemos interpretar o processo de judicialização da via independentista catalana, para impossibilitar a prevista consulta acordada no Parlamento da Catalunha.

Eis o Estado ao qual nos confrontamos como classe e como povo: um Estado de indiscutível natureza fascista, disposto a todo, inclusive para evitar as mais mínimas mudanças que possam garantir a sua perpetuação.

Este endurecimento repressivo tem acompanhado o conjunto de medidas ultraliberais adotadas pelo governo do PP plasmadas em permanentes agressões contra a Galiza, contra a classe trabalhadora e contra as mulheres, seguindo os ditados da troika.

A “ditadura televisiva” não cessou na manipulação constante visada a impor os fetiches do capitalismo.

Em 2016 os cortes, as políticas de austeridade, as privatizações, foram o pano de fundo para o povo trabalhador. Mais de 300 mil desempregadas e desempregados, perto de meio milhão de contratos precários e eventuais, dúzias de famílias perderam as suas casas, salários e pensões de miséria, deterioramento da saúde, do ensino e dos serviços sociais, emigração maciça da juventude, aumento do custo de produtos básicos de consumo, da eletricidade, da água, do transporte e incremento impositivo, só têm provocado dor e sofrimento.

O refluxo da luta popular e o deslocamento das ruas e centros de trabalho e ensino como centro de gravidade da participação, substituída pelo ilusionismo eleitoral e o critinismo parlamentar, tem sido determinante para frear o desgaste do pós-franquismo, do ilegítimo regime pactuado na segunda metade da década de setenta.

Galiza esmorece

Este adverso cenário de retrocessos populares enquadra-se no prolongado processo de crise nacional galega.

Longe de leituras maquilhadas e de triunfalismos irresponsáveis que só prejudicam o nosso específico quadro nacional de luta, não podemos evitar seguir alertando da grave situação que atravessa Galiza como projeto político, e não nos referimos única nem basicamente à hemorragia eleitoral do “nacionalismo de esquerda”, e sim a um conjunto de tendências e factores transversais verificáveis em todas as ordens da sociedade galega, fruto do sucesso

da eficaz estratégia assimilacionista espanhola e dos erros cometidos polo conjunto das forças políticas e sociais que definimos como esquerda patriótica galega.

Ou bem sentamos as bases para alterar esta tendência inçada de pulsos suicidas às que inconscientemente está aderido umha considerável parte do nosso povo ou o projeto nacional galego continuará avançando face a derrota estratégica.

25 aniversário da implosom da URSS

A um quartel de século da desaparición da União Soviética o comunismo revolucionário galego nom pode obviar as nefastas consequências dessa calamidade histórica que acelerou o refluxo, a derrota do movimento operário a escala mundial e a atual ofensiva ideológica burguesa.

A desaparición da URSS foi catastrófica para a luta de classes, acelerando as políticas neoliberais e a nova [des]ordem internacional de caos sistémico e guerra global contra os povos.

Hoje o mundo nom só é mais desigual e menos seguro, as perspectivas para a vitória na nossa luta pola libertação da humanidade estão mais afastadas polo derrotismo inoculado no imaginário coletivo da classe operária.

Sem pretendermos realizar um exercício de nostalgia por um modelo de socialismo burocrático, de um sui generis capitalismo de estado, devemos admitir com a perspectiva histórica destes 25 anos que nom avaliamos corretamente os efeitos demolidores para a causa anticapitalista que significou a dissolução da URSS a 25 de dezembro de 1991.

100 aniversário da Revolução Bolchevique

2017 é o ano do centenário da Revolução de Outubro, da primeira vitória da classe operária após a efémera experiência da Comuna de Paris de 1871.

Resgatar e divulgar a importância do processo histórico de 1917 que mudou radicalmente o mundo é umha tarefa prioritária do comunismo revolucionário.

A imensa maioria das conquistas atingidas na Revolução Bolchevique seguem 100 depois formando parte do programa de qualquer organização ou movimento situado nos parâmetros da causa operária e popular.

A Revolução Bolchevique ensinou-nos que nom só é possível, que é imprescindível tomar o poder. Que o caminho nom é a inofensiva e inviável via eleitoral. Que só destruindo o Estado burguês, e simultaneamente levantando um Estado operário de caráter transitório, podemos sentar as bases para construir o Socialismo caminho do Comunismo.

Que a Revolução é umha rutura com a velha ordem alicerçada na desigualdade e a injustiça, que só a classe operária dirigida por um partido comunista revolucionário pode desenvolver esta tarefa. Que a luta ideológica contra toda forma de reformismo e revisionismo é tarefa essencial do proletariado organizado e movimentado na sua

ferramenta de vanguarda para lutar e combater: o partido marxista-leninista.

Que o partido deve estar configurado basicamente por trabalhadoras e trabalhadores, garantir a sua genuína natureza proletária e classista, sob umha orientação e direção operária.

Um partido comunista formado por comunistas, nom umha organização dirigida pola pequena-burguesia de orientação progressista.

Que o internacionalismo deve ser um dos sinais e identidade teórico-prática do movimento operário.

Sem Outubro de 1917, sem Lenine, os povos do mundo nom teriam logrado as grandes conquistas que a Revolução Bolchevique e a Internacional Comunista irradiou no conjunto do planeta, sobre as que se inspirárom outras Revoluções populares ao longo do século XX, a vitória sobre o nazi-facismo, o processo descolonizador, as luitas de libertação nacional, as conquistas atingidas polas mulheres trabalhadoras, os direitos laborais da classe operária ...

Temos pois que seguir até a vitória no rumo que abriu Outubro de 1917, sempre sob a bandeira vermelha de Marx, Lenine e o Che.

50 anos sem a sua querida presença

Também o ano 2017 é o do aniversário da morte há meio século do Che Guevara na Bolívia polo imperialismo ianque, após ser capturado em combate.

Resgatar o seu exemplo de comunista revolucionário, o seu legado rebelde e transgressor, as suas achegas teórico-práticas à Revolução Socialista, depurá-lo do inofensivo icone de camisola e da caricaturização dogmática, deve ser umha das tarefas da luta ideológica comunista. Porque o Che é um exemplo a seguir, é umha fonte de inspiração da Revolução Galega.

Independentismo socialista galego

Lamentavelmente devemos reconhecer que em 2016 a esquerda independentista galega nom logrou avanços. Tam só se fôrom clarificando as tendências geradas pola implosom do ano anterior.

O movimento de libertação nacional galego segue debilitado, fragmentado e subjetivamente instalado no derrotismo e na resignação, o independentismo socialista segue desnutrido e na indigência organizativa.

Embora logramos evitarmos cair na discontinuidade orgánica e frear as tendências dissolventes hegemónicas em boa parte da geração que há 20 anos cumpriu a tarefa histórica de reimpulsionar o movimento de libertação nacional galego, a realidade do ano que finaliza constatou a profunda derrotada subjetiva na que continua instalada.

Os contratempos e adversidades sobre os que seguimos navegando só permitírom umha

modesta comemoração do 20 aniversário da fundação de Primeira Linha, reafirmando o nosso perfil e vocação de partido comunista combatente, patriótico e revolucionário galego.

Porém, mais umha vez queremos manifestar que nom arriamos bandeiras e que seguimos defendendo que o axioma Independência-Socialismo segue plenamente vigente. É o eixo central da estratégia da Revolução Galega. Nom queremos remendos, nem reformas do capitalismo, lutamos polo Comunismo, por umha sociedade sem classes nem opressons. E toda a nossa linha tática está supeditada a este objetivo.

Insurreiçom nacional, obreira e popular

Nom nos cansaremos de afirmar as mudanças e transformaçons que anseia umha ampla maioria social, nom serám resultado das alternâncias eleitorais da partitocracia, nem dumha maioria aritmética parlamentar.

O sistema capitalista e o regime postfranquista há que tombá-lo na rua, mediante a combinação dialética de todas as formas de luta. A insurreiçom nacional, obreira e popular é a única estratégia que nos conduzirá para a libertaçom nacional, emancipaçom de classe e superaçom da dominaçom patriarcal.

A Revolução Galega emanará de um levantamento popular que dia a dia, em cada luta anónima ou pública, temos que contribuir silenciosamente para preparar.

A dia de hoje ainda nom existem as condiçons subjetivas imprescindíveis que permitam atingí-la. O nosso dever é contribuímos para criá-las. O único caminho é a organizaçom e a luta popular. Nom há atalhos para abrir amplas alamedas. Só a persistência da luta quotidiana, do compromisso altruísta, do bem-estar do dever cumprido, da humildade revolucionária, permitira que as condiçons eclosionem e um furacám popular tombe este regime o o sistema que o ampara.

Tal como já manifestamos no Dia da Galiza Combatente do ano que agora finaliza “a reconstruçom do movimento revolucionário galego e internacional exige fugir de nostalgias, reclama abandonarmos as deformaçons do marxismo que arrastamos a prática totalidade das forças que nos reclamamos seguidoras dos seus ideais emancipadores. Cumpre voltarmos às origens, restaurar os fundamentos do anticapitalismo, recuperar o espírito rebelde e antagónico que caracteriza o marxismo-leninismo”.

O comunismo do século XXI tem que depurar-se da mutaçom político-ideológica imposta pola hegemonia pequeno-burguesa no seu seio ao longo do século XX, tem que agir como movimento subversivo, como insurgência nacional sob umha orientaçom e coordenaçom internacional. A rebeliom nom só é um direito, é umha obrigaçom.

2017 vai ser novamente um ano mui duro

Espanha e a UE ainda nom logrou derrotar a classe obreira nem a Naçom Galega, mas o pacote neoliberal que se vai implementar nosvindouros meses só poderá ser frear mediante a luta e a mobilizaçom obreira, nacional, popular e feminista, e isto só é possível mediante a reconfiguraçom da esquerda revolucionária galega.

Lembranças, homenagens e desejos

Queremos finalizar este primeiro comunicado de 2017 lembrando ao comandante Fidel Castro, logo de que o latido do seu imenso coração se tivesse apagado há umhas semanas após umha vida exemplar de vitórias pola causa do Socialismo e a soberania dos povos.

Reclamamos o Fidel do comunismo revolucionário, o que resistiu e confrontou com o fusil e o povo armado para defender as conquistas sociais e a independência e soberania nacional de Cuba, o referente e exemplo para os povos do mundo. O seu legado está gravado a lume nas melhores páginas da luta da humanidade.

Lembramos às seis mulheres assassinadas polo terrorismo machista na Galiza em 2016.

Homenagemos ao povo sírio pola libertaçom de Aleppo de terroristas e aplaudimos a dimensom da vitória atingida sobre o imperialismo da NATO.

Nom queremos despedir este 2016 sem transmitir umha calorosa saudaçom comunista e patriótica à Galiza rebelde e combativa, a toda a juventude, às mulheres, ao proletariado, ao conjunto da classe obreira que lutou nos seus respetivos centros de trabalho e ensino, nas ruas, contra as agressions em curso.

Queremos também reclamar a liberdade dos presos e presas políticas galegas.

Ao conjunto da classe obreira galega e do mundo enviamos umha saudaçom comunista revolucionária.

Saudaçom que fazemos extensível ao movimento popular galego e a todos aqueles coletivos e organizaçons que combatem sem trégua.

E aos povos do mundo que lutam contra o imperialismo, especialmente ao povo da Palestina, da Síria, do Iraque, do Saara, do Curdistám, da Nova Rússia, da Venezuela, de Cuba, da Grécia, da Catalunha, às organizaçons revolucionárias e partidos comunistas com os quais nos unem intensos e fraternos laços de amizade forjados na solidariedade internacionalista.

Até a vitória sempre!

Viva a Revoluçom Galega!

Comunismo ou caos! Venceremos!

Galiza, 31 de dezembro de 2016

<https://galiza.lahaine.org/ao-proletariado-juventude-mulheres-e>